

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/335715919>

(Re)pensar a comunicação das alterações climáticas nos media

Article · September 2019

CITATIONS

0

READS

267

2 authors:



Neide P. Areia

University of Coimbra

26 PUBLICATIONS 36 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Alexandre Oliveira Tavares

University of Coimbra

113 PUBLICATIONS 779 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



BeSafeSlide (BSS) - Landslide Early Warning soft technology prototype to improve community resilience and adaptation to environmental change (PTDC/GES-AMB/30052/2017) [View project](#)



TsuRIMA - TSUnami Risk MAnagement for spatial planning and civil protection [View project](#)

(Re)pensar a comunicação das alterações climáticas nos *media*

Neide P. Areia,¹ Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
areia.neide@gmail.com

Alexandre O. Tavares,² Centro de Estudos Sociais, Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra
atavares@ci.uc.pt

Resumo: Os *media* têm o potencial de educar, sensibilizar e fomentar o envolvimento ativo dos indivíduos no combate às alterações climáticas. Porém, da análise da cobertura mediática internacional, os *media* parecem contribuir para o alienamento social e para a desresponsabilização individual da adoção de medidas de mitigação, ao reportarem as alterações climáticas de uma forma simplista, dependente dos discursos políticos e com amplo recurso a *framings* de conflito e dramatização. Advoga-se, assim, a urgência de uma mudança do paradigma de comunicação das alterações climáticas, onde os *media* devem: (i) contribuir para a diminuição da distância dos indivíduos relativamente aos processos relacionados com as alterações climáticas; (ii) democratizar a comunicação; e (iii) fomentar a mobilização-ação dos indivíduos para as questões ambientais.

Palavras-chave: alterações climáticas, comunicação, media, mitigação e adaptação

Introdução

Contam-se quase três décadas – a partir da publicação do primeiro relatório de avaliação do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas, em 1990 (IPCC, 1990) – desde que a comunidade científica tem vindo a alertar a humanidade para um dos problemas globais mais complexos, com efeitos preocupantes em quaisquer formas de vida do planeta e setores da sociedade: as alterações climáticas (IPCC, 2007). As alterações climáticas correspondem a uma variação estatisticamente significativa e de longo prazo dos parâmetros climáticos médios, tais como a temperatura ou índices de precipitação. Tais variações relacionam-se com a ocorrência ou exacerbação de eventos

¹ Doutorada em Psicologia Clínica pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Investigadora júnior no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra no âmbito do projeto Risk AquaSoil.

² Doutorado em Engenharia Geológica, ramo Geologia do Ambiente e Ordenamento, com Agregação pela Universidade de Coimbra onde exerce as funções de Professor Associado. Tem trabalhado na temática dos riscos, nomeadamente na representação da suscetibilidade e da vulnerabilidade, assim como no planeamento e gestão do risco. É investigador do Centro de Estudos Sociais, onde integra o Observatório do Risco. Diretor do Departamento de Ciências da Terra da FCTUC. Membro do Painel Científico da Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas ENAAC 2020.

climáticos extremos, na maioria das vezes inesperados numa determinada região ou período do ano (IPCC, 2018). Longos períodos de seca, alterações nos padrões de precipitação ou a subida do nível médio das águas do mar, são apenas algumas das consequências das mudanças do clima (IPCC, 2007, 2018).

A dimensão global das alterações climáticas transforma-as num “drama dos comuns”, tal como é preconizado por Ostrom *et al.* (2003), exigindo respostas urgentes e à escala mundial (Schmidt *et al.*, 2013). Uma das tentativas de coordenação internacional para mitigar as alterações climáticas é a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas, que anualmente reúne líderes dos Estados membros da convenção e outros peritos na matéria nas COPs (*Conference of the Parties*), visando discutir e rever a aplicação do tratado internacional, que tem como objetivo geral a mitigação das alterações climáticas. No último ano, na COP 24, as Nações Unidas publicaram um relatório onde é reportado um aumento, apelidado de “histórico”, dos níveis de CO₂ na atmosfera (IPCC, 2018), o que leva a concluir sobre a falência, desde a primeira COP, do combate às alterações climáticas.

A óbvia complexidade e urgência do problema exige, portanto, uma resposta eficaz e articulada não só das disciplinas científico-tecnológicas, mas também das disciplinas sociais e políticas (Anderson, 2009; Spence e Pidgeon, 2009). Porém, não cabe apenas aos peritos na matéria e decisores políticos o envolvimento nas questões ambientais. O público em geral deve também ser chamado a envolver-se ativamente na mitigação (através da adoção de medidas/ações que visem reduzir a principal causa antropogénica das alterações climáticas: a emissão massiva e continuada de gases com efeito de estufa), e adaptação (através da adoção de medidas/ações que visem reduzir a vulnerabilidade das comunidades aos impactos provocados pelas mudanças do clima) às alterações climáticas. Por isso, a comunidade científica, particularmente as disciplinas sociais, têm-se debruçado sobre o estudo das estratégias mais eficazes na promoção do envolvimento e participação ativos dos indivíduos nos tópicos relacionados com o ambiente (Moser e Dilling, 2012).

O envolvimento ativo dos indivíduos na resposta às alterações climáticas é um fenómeno complexo e multidimensional (Figura 1). Envolve a dimensão cognitiva, com a compreensão e perceção correta e precisa do fenómeno; a dimensão afetiva/emocional, com a preocupação com o assunto; e, por fim, a dimensão comportamental, com a substituição de comportamentos prévios por comportamentos sustentáveis para o meio ambiente, e responsabilização democrática face às políticas ambientais (Moser e Dilling, 2012).

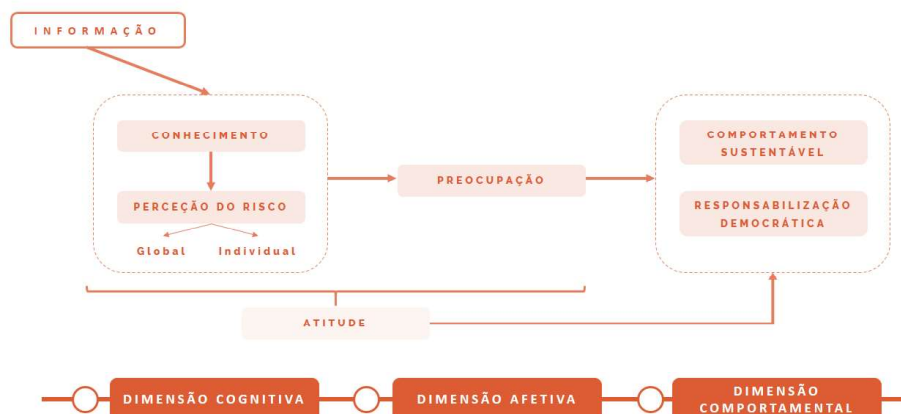


Fig. 1 - Desenvolvimento do envolvimento ativo individual em contexto das alterações climáticas

No entanto, e apesar de a comunidade científica vir, rotineiramente, apelar à urgência do problema, o público em geral parece mostrar um conhecimento superficial sobre o assunto (dimensão cognitiva) e, por conseguinte, uma franca inércia (dimensão comportamental) relativamente às alterações climáticas (Moser, 2010; Moser e Dilling, 2012).

Este panorama de iliteracia geral remete-nos para uma questão crítica no que respeita à educação pública de questões complexas, tal como o são as alterações climáticas (Moser e Dilling, 2012). De facto, é na educação pública que os *media* têm um papel fundamental. Os *media* são considerados agentes de sensibilização e disseminação da informação e, por isso, uma das principais fontes de conhecimento do público (Anderson, 2009). O discurso veiculado nos *media* influencia, em muito, a construção da opinião pública sobre os assuntos por estes reportados. Por um lado, uma comunicação democrática nos *media*, capacita os indivíduos para a crítica informada das políticas implementadas (responsabilização democrática) e, por outro, pode ser conducente à ação política de governação, criando um contexto em que seja difícil não agir face à pressão pública para que exista uma resposta política relativamente aos assuntos debatidos na esfera mediática (Newell, 2000).

Especificamente no que diz respeito à comunicação dos *media* sobre as alterações climáticas, estes contribuem para: (i) a educação e sensibilização dos cidadãos para as alterações climáticas, através da disseminação de informação cientificamente correta; (ii) construção da opinião pública, particularmente no que respeita à governação ambiental e à construção de uma cidadania ativa e (iii) o envolvimento (pro)ativo dos indivíduos no combate às alterações climáticas, quer ao nível da adoção de comportamentos pró-ambientais e éticos, quer ao nível da responsabilização democrática das políticas ambientais implementadas (Anderson, 2009; Moser e Dilling, 2012).

Posto isto, e considerando por um lado o papel último dos *media* na promoção do envolvimento dos indivíduos nas questões ambientais e, por outro lado, o panorama geral de iliteracia e inércia dos indivíduos no que respeita às alterações climáticas, importa compreender como é que o assunto tem vindo a ser reportado pela comunicação social à escala internacional. Assim, ao identificar eventuais lacunas na comunicação das alterações climáticas nos *media*, recomendações e diretrizes para uma comunicação eficiente das alterações climáticas podem ser discutidas.

A cobertura mediática das alterações climáticas no mundo

Apesar do reconhecimento científico de que as alterações climáticas são um desafio à escala do planeta e que a sua mitigação requer a cooperação das esferas políticas, científicas e sociais (IPCC, 2007, 2018; Ostrom *et al.*, 2003), o potencial contributo dos *media* no combate às alterações climáticas – pela veiculação de informação cientificamente correta à sociedade civil e, por conseguinte, à promoção de ações de adaptação e mitigação – é ainda pouco discutido na literatura (Moser e Dilling, 2012; Spence e Pidgeon, 2009). Menos discutida ainda é a cobertura mediática das alterações climáticas a nível internacional, em particular ao nível de estudos de comparação da cobertura dos *media* das alterações climáticas entre diferentes países. Os que existem tendem a focar-se na quantidade de produção de notícias relacionadas com as questões ambientais e salientam a discrepância entre os países dos hemisférios norte e sul (Gurwitt *et al.*, 2017; Schmidt *et al.*, 2013). Especificamente, há uma maior produção mediática no norte global (Gurwitt *et al.*, 2017; Schmidt *et al.*, 2013). No entanto,

parece-nos redutor o foco na quantidade de produção mediática e, por isso, cremos ser igualmente importante identificar diferenças e semelhanças ao nível das características qualitativas (*e.g.*, tópico principal, *framing*) da cobertura mediática das alterações climáticas em diferentes países do norte e sul globais. Apresentamos, assim, uma breve análise e reflexão crítica das principais conclusões obtidas em alguns estudos no âmbito da cobertura mediática das alterações climáticas em alguns países do norte e sul globais, com particular foco nos temas principais, tipo de discurso e atores envolvidos e os *framings* mais frequentemente utilizados.

Tabela 1. Revisão de estudos sobre a cobertura mediática das alterações climáticas nos países no norte e sul globais

Estudo	País, Período	Principais resultados
Norte Global		
Boykoff, 2008	Reino Unido 2000-2006	Tópico principal: eventos meteorológicos extremos; risco de extinção da megafauna carismática (<i>e.g.</i> , urso panda) Discurso/atores: político <i>Framing</i> : medo, miséria e desgraça
Fernández-Reyes <i>et al.</i> , 2015	Espanha 2000-2014	Tópico principal: eventos internacionais, relatórios IPCC Discurso/atores: político <i>Framing</i> : n.a.
Young e Dugas, 2011	Canada 1988/1989 2007/2008	Tópico principal: política ambiental norte-americana (EUA e Canadá), “capitalismo verde” (as alterações climáticas como oportunidade de negócio) Discurso/atores: político, grupos de interesse <i>Framing</i> : n.a.
Pasquaré e Oppizzi, 2012	Itália 2007-2010	Tópico principal: debate das causas das alterações climáticas (natural vs humana); ênfase nos mortos/sobreviventes e deslocados na sequência de catástrofes (dramatização) Discurso/atores: político, alarmistas vs cétricos <i>Framing</i> : conflito (causas das alterações climáticas); incerteza (<i>timing</i> dos efeitos); dramatização

Wagner e Payne, 2017 Irlanda
1997-2012

Tópico principal: eventos internacionais, relatórios IPCC, modernização ecológica

Discurso/atores: político

Framing: político, influência de grupos de interesse (e.g., área das energias)

Areia *et al.*, 2019 Portugal e Espanha
2017-2018

Tópico principal: eventos meteorológicos extremos, eventos internacionais

Discurso/atores: político

Framing: n.a.

Sul Global

Rodas e Di Giulio, 2017 Brasil
2000-2014

Tópico principal: eventos internacionais, relatórios IPCC

Discurso: político

Framing: conflito (governo brasileiro vs ONGs relativamente às metas de redução das emissões de GEE)

Takahashi e Meisner, 2012 Peru
2000-2010

Tópico principal: *Lima Summit* (EU - LAC), eventos internacionais

Discurso: político

Framing: fatalista

Dotson *et al.*, 2012 Chile
2003; 2005; 2007

Tópico principal: problemas (valência negativa) das alterações climáticas

Discurso: político

Framing: conflito (e.g., setor empresarial vs ambientalistas)

Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017 Chile
2011-2013

Tópico principal: eventos internacionais

Discurso: político

Framing: dramatização (futuro)

Se ao nível da produção mediática no âmbito das alterações climáticas existem diferenças entre os países do norte e sul globais (Gurwitt *et al.*, 2017; Schmidt *et al.*, 2013), no que diz respeito às suas características qualitativas, parecem não existir importantes discrepâncias. Em parte, este resultado não é surpreendente, considerando a dependência do jornalismo dos países da América Latina das agências de notícias internacionais, tais como as agências *Reuteurs* ou *Deutsche Welle*. Os quatro estudos analisados nestes países fazem menção a esta dependência do jornalismo ocidental (Dotson *et al.*, 2012; Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017; Rodas e Di Giulio, 2017; Takahashi e Meisner, 2012), sugerindo Rodas e Di Giulio (2017) que esta se relaciona com as significativas dificuldades financeiras sentidas no setor da comunicação social. Já Takahashi e Meisner (2012) criticam a dependência do jornalismo peruano das agências de notícias internacionais, ao sublinharem que o país é particularmente vulnerável aos efeitos das alterações climáticas (*e.g.*, degelo nos Andes) e, por conseguinte, os peruanos necessitariam de uma urgente e melhor comunicação sobre estratégias de adaptação às alterações climáticas. Em contrapartida, as agências de notícias internacionais tendem a dar uma maior saliência às estratégias de mitigação para as alterações climáticas e negligenciar as estratégias de adaptação (Takahashi e Meisner, 2012).

A um nível global, eventos internacionais como as COPs, tendem a assumir-se como o tópico privilegiado pelos *media* para reportar notícias relacionadas com as alterações climáticas (Areia *et al.*, 2019; Fernández-Reyes *et al.*, 2015; Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017; Rodas e Di Giulio, 2017; Takahashi e Meisner, 2012; Wagner e Payne, 2017). Seguem-se as publicações dos relatórios do IPCC, particularmente o 4º relatório publicado em 2007 (Fernández-Reyes *et al.*, 2015; Rodas e Di Giulio, 2017; Wagner e Payne, 2017), cuja publicação teve particular ressonância na comunicação social internacional, ao vir enfatizar que as alterações climáticas são um fenómeno inequívoco e de causa antropogénica (IPCC, 2007). A par da publicação do 4º relatório do IPCC, o documentário “*Uma verdade inconveniente*”, de Al Gore (Gore, 2006), teve no Chile (Dotson *et al.*, 2012) e no Brasil (Rodas e Di Giulio, 2017) uma repercussão mediática significativa. Ainda no que concerne aos tópicos mais frequentemente mencionados na cobertura mediática, é no norte global que os eventos meteorológicos extremos têm alguma saliência nos *media* (Areia *et al.*, 2019; Boykoff, 2008; Fernández-Reyes *et al.*, 2015; Pasquaré e Oppizzi, 2012). Porém, tal como refere Boykoff (2008) e Pasquaré e Oppizzi (2012), os eventos meteorológicos extremos tendem a ser reportados com uma conotação dramática (*e.g.*, saliência do número de mortos na sequência de uma catástrofe), sem que sejam devidamente enquadrados no contexto das alterações climáticas. Contrariamente, no Chile (Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017), os *media* tendem a reportar os efeitos das alterações climáticas (*e.g.*, eventos meteorológicos extremos, degelo), não como uma realidade atual, mas como um risco a longo-prazo. Por fim, cabe mencionar que é no Canadá (Young e Dugas, 2011) e na Irlanda (Wagner e Payne, 2017) que as alterações climáticas surgem como uma oportunidade de negócio onde, como referem Young e Dugas (2011), o “capitalismo verde” é significativamente veiculado pela imprensa através, sobretudo, do discurso de grupos de interesse (Wagner e Payne, 2017; Young e Dugas, 2011).

Relativamente ao discurso mais prevalente nos *media*, é óbvio o discurso hegemonicamente político em qualquer um dos países analisados (Areia *et al.*, 2019; Boykoff, 2008; Dotson *et al.*, 2012; Fernández-Reyes *et al.*, 2015; Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017; Pasquaré e Oppizzi, 2012; Rodas e Di Giulio, 2017; Takahashi e Meisner, 2012; Young e Dugas, 2011; Wagner e Payne, 2017). Nesta linha, e tal como

argumentado em estudos recentes (Areia *et al.*, 2019; Wagner e Payne, 2017), ao centrarem o problema das alterações climáticas na esfera política nacional e internacional, e ao salientarem a modernização tecnológica como a solução única para o problema, os *media* contribuem para o distanciamento dos indivíduos das questões relacionadas com o ambiente e, por conseguinte, fomentam a desresponsabilização do cidadão comum da adoção de comportamentos pro-ambientais. Na mesma linha, Hasbún-Mancilla *et al.* (2017) e Rodas e Di Giulio (2017) enfatizam a invisibilidade dos indivíduos na cobertura mediática chilena e brasileira, respetivamente, e postulam a necessidade de se salientar o papel das comunidades locais e cidadãos na implementação de medidas de adaptação e mitigação. Por outras palavras, os autores sublinham a urgência de aproximar o assunto das alterações climáticas ao cidadão comum no sentido de facilitar a concretização do problema e de eventuais medidas que os cidadãos possam adotar para lhe fazer face (Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017; Rodas e Di Giulio, 2017).

No que respeita ao *framing*, isto é, ao enquadramento noticioso, os *media* privilegiam *framings* relacionados com conflito (*e.g.*, divergências entre partidos políticos aquando da proposta de políticas ambientais; discurso dos “céticos” das alterações climáticas) (Dotson *et al.*, 2012; Pasquaré e Oppizzi, 2012; Rodas e Di Giulio, 2017) ou dramatização (*e.g.*, projeções catastróficas sem fundamento científico) (Boykoff, 2008; Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017; Pasquaré e Oppizzi, 2012; Takahashi e Meisner, 2012). Ainda que sejam ineficientes na promoção do envolvimento dos indivíduos às alterações climáticas, a escolha dos *framings* de conflito e dramatização pelos *media* não surpreendem, já que correspondem aos critérios de noticiabilidade, isto é, aos valores notícia (Bednarek, 2016) – oportunidade, negatividade e impacto – onde, as “más notícias são consideradas boas notícias” (Bednarek, 2016). No entanto, a saliência de debates controversos, como o da causa das alterações climáticas, particularmente relevante na cobertura mediática italiana, por exemplo (Pasquaré e Oppizzi, 2012), contribui para a confusão e incerteza da sociedade civil relativamente à realidade e urgência de atuação face às alterações climáticas e, por conseguinte, para a inércia dos indivíduos relativamente às questões ambientais (Boykoff, 2013).

Por fim, importa referir que apesar do considerável aumento da produção de notícias relacionadas com o ambiente (Young e Dugas, 2011), a cobertura mediática das alterações climáticas tende a ser feita de uma forma cada vez mais simplista e descontextualizada – tal como criticado nos estudos chilenos (Dotson *et al.*, 2012; Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017), brasileiro (Rodas e Di Giulio, 2017), ibérico (Areia *et al.*, 2019), irlandês (Wagner e Payne, 2017) e canadiano (Young e Dugas, 2011) – sem sustentação científica, através de um foco excessivo no problema, sem menção às soluções.

A urgência de reformar os *media* para uma comunicação das alterações climáticas eficaz

Apesar dos alertas constantes da comunidade científica sobre a realidade inequívoca das alterações climáticas e das causas antropogénicas que lhe estão associadas, a resposta do público em geral continua a ser inconsistente e ambivalente. Os indivíduos não estão ativamente envolvidos na luta contra as alterações climáticas e são poucos os que estão a adotar medidas de mitigação no seu quotidiano (Jones *et al.*, 2017). A desinformação é apontada como uma das principais causas para a inércia da sociedade civil na

implementação de ações de mitigação e adaptação às alterações climáticas e, por isso, enquanto fonte primordial de informação dos indivíduos, a cobertura dos *media* dos assuntos ambientais, deve ser escrutinada (Moser e Dilling, 2012).

Da breve cobertura mediática analisada, podemos concordar com Fox e Rau (2017) quando referem que os *media*, ao invés de contribuírem para o envolvimento dos indivíduos na luta, vista como resposta contra as alterações climáticas, parecem fomentar o alienamento social e a desresponsabilização individual da adoção de medidas de mitigação. Urge, por isso, uma reforma dos *media* (Hackett, 2016), que passe por dar um tratamento rigoroso, estratégico e multidimensional das questões ambientais e que tenha por objetivo último reduzir a lacuna entre a tomada de consciência da realidade das alterações climáticas e a tomada de ação, o que fomentará, naturalmente, o envolvimento ativo da sociedade civil no assunto.

Ressalta-nos, desde logo, a necessidade de reduzir a distância dos indivíduos relativamente aos processos (Hackett, 2016; Jones *et al.*, 2017), contextualizando localmente o problema das alterações climáticas (Wagner e Payne, 2017; Young e Dugas, 2011), e a construção de novas epistemologias cívicas em que os cidadãos e organizações se revejam (Jasanoff, 2011; Mahony e Hulme, 2018). Como tal, ao invés da significativa saliência dada a notícias relacionadas com discussões político-científicas do foro internacional ou de catástrofes ambientais ocorridas num outro ponto do mundo, os *media* devem enquadrar o assunto das alterações climáticas ao nível das comunidades locais e ao nível individual, aproximando a realidade das alterações climáticas à realidade do indivíduo comum (*e.g.*, impacto económico, social e na segurança dos indivíduos) (Hackett, 2016; Jones *et al.*, 2017; Wagner e Payne, 2017; Young e Dugas, 2011).

Por outro lado, democratizar a comunicação das alterações climáticas parece-nos quase tão urgente quanto mitigá-las. Se urge envolver ativamente a sociedade civil na implementação de ações de adaptação e mitigação das alterações climáticas, parece-nos óbvio que importa descentralizar o discurso ambiental dos decisores políticos e alargá-lo à comunidade científica, às comunidades locais e ao indivíduo comum (Pearce *et al.*, 2017). Se, por um lado, a democratização das alterações climáticas fomenta a mobilização dos indivíduos para a ação, por outro lado, promove a participação democrática da sociedade civil nas políticas ambientais adotadas (Areia *et al.*, 2019; Hackett, 2016).

Creemos que importa também reenquadrar as notícias na lógica de fomentar a mobilização-ação dos indivíduos. Como vimos, os *media* tendem a enquadrar os assuntos relacionados com o meio ambiente com excessivo foco nos problemas, sejam eles os efeitos das alterações climáticas, ou o fracasso das instituições políticas no combate às mesmas, sem sugerir potenciais soluções ao nível das comunidades locais e ao nível individual (Areia *et al.*, 2019; Boykoff, 2008; Dotson *et al.*, 2012; Fernández-Reyes *et al.*, 2015; Hasbún-Mancilla *et al.*, 2017; Pasquaré e Oppizzi, 2012; Rodas e Di Giulio, 2017; Takahashi e Meisner, 2012). Discursos mais proativos e resilientes informam, envolvem e capacitam os indivíduos a adotar as suas próprias estratégias de mitigação das alterações climáticas (Hackett, 2016).

Conclusão

Reformar os *media* é urgente, se se quer potenciar o seu papel mediador entre a ciência e a sociedade civil e, por conseguinte, de catalisador da ação individual. Cremos que uma comunicação estratégica das alterações climáticas (*e.g.*, conhecer a audiência, aproximar o fenómeno aos indivíduos) surtirá uma maior eficácia na sensibilização da sociedade civil às questões ambientais e, por conseguinte, catalisará a adoção de respostas individuais e coletivas para as alterações climáticas.

Financiamento

RiskAquaSoil - Plano Atlântico de Gestão de Riscos no Solo e na Água, cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através Programa de cooperação INTERREG Espaço Atlântico, com a referência EAPA_272/2016.

Referências bibliográficas

Anderson, Alison (2009), “Media, politics and climate change: Towards a new research agenda”, *Sociology Compass*, 3, 166-182. doi: 10.1111/j.1751-9020.2008.00188.x.

Areia, Neide P.; Intrigliolo, Diego; Tavares, Alexandre; Mendes, José Manuel; Sequeira, Mário D. (2019), “The role of media between expert and lay knowledge: A study of Iberian media coverage on climate change”, *Science of the Total Environment*, 682, 291-300, doi: 10.1016/j.scitotenv.2019.05.191.

Bednarek, Monika (2016), “Voices and values in the news: News media talk, new values and attribution”, *Discourse, Context and Media*, 11, 27-37. doi: 10.1016/j.dcm.2015.11.004.

Boykoff, Maxwell (2008), “The cultural politics of climate change discourse in UK tabloids”, *Political Geography*, 27, 549-569. doi: 10.1016/j.polgeo.2008.05.002.

Boykoff, Maxwell (2013), “Public enemy no. 1? Understanding media representations of outlier views on climate change”, *American Behavioral Scientist*, 57(6), 796-817. doi: 10.1177/0002764213476846.

Dotson, Devin; Jacobson, Susan; Kaid, Lynda; Carlton, Stuart (2012), “Media Coverage of Climate Change in Chile: A Content Analysis of Conservative and Liberal Newspapers”, *Environmental Communication*, 6, 64-81. doi: 10.1080/17524032.2011.642078.

Fernández-Reyes, Rogelio; Luis, Pinuel; Vicente-Mariño, Miguel (2015), “Media coverage of climate change and global warming en El País, El Mundo y La Vanguardia”, *Revista Latina de Comunicación Social*, 70, 122-140. doi: 10.4185/RLCS-2015-1037en.

Fox, Emmet; Rau, Henrike (2017), “Disengaging citizens? Climate change communication and public receptivity”, *Irish Political Studies*, 32, 224-246. doi: 10.1080/07907184.2017.1301434.

Gore, Al (Realizador) (2006), *An Inconvenient Truth* [Documentário]. USA: Lawrence Bender Productions.

Gurwitt, Sonya; Malkki, Kari; Mitra, Mili (2017), “Global issue, developed country bias: the Paris climate conference as covered by daily print news organizations in 13 nations”, *Climate Change*, 143, 281-296. doi: 10.1007/s10584-017-2004-2.

Hackett, Robert (2016), “Media reform and climate action: Why the two causes need each other and deserve public policy support”, *The Monitor*, 23(2), 40-45.

Hasbún-Mancilla, Julio; Aldunce-Ide, Paulina; Blanco-Wells, Gustavo; Browne-Sartori, Rodrigo (2017), “Framing climate change in Chile: discourse analysis in digital media”, *Convergencia – Revista de Ciencias Sociales*, 74, 1-22.

IPCC (1990), *Climate Change. The IPCC Scientific Assessment*. Geneva: IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change.

IPCC (2007), *IPCC Fourth Assessment Report: Climate Change 2007*. Geneva: IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change.

IPCC (2018), *Special Report. Global Warming of 1.5 °C*. Geneva: IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change.

Jasanoff, Sheila (2011), “Cosmopolitan knowledge: Climate science and global civic epistemology”, in Dryzek, John; Norgaard, Richard B.; Schlosberg, David (org.), *The Oxford Handbook of Climate Change and Society*. New York: Oxford University Press. doi: 10.1093/oxfordhb/9780199566600.003.0009.

Jones, Charlotte; Hine, Donald; Marks, Anthony (2017), “The future is now: Reducing psychological distance to increase public engagement with climate change”, *Risk Analysis*, 37(2), 331-341. doi: 10.1111/risa.12601.

Mahony, Martin; Hulme, Mike (2018), “Epistemic geographies of climate change: Science, space and politics”, *Progress in Human Geography*, 42(3), 395-424. doi: 10.1177/0309132516681485.

Moser, Susanne (2010), “Communicating climate change: History challenges, process and future directions”, *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 1(1), 31-53. doi: 10.1002/wcc.11.

Moser, Susanne; Dilling, Lisa (2012), “Communicating climate change: closing the science-action gap”, in Dryzek, John; Norgaard, Richard B; Schlosberg, David (org.), *The Oxford Handbook of Climate Change and Society*. New York: Oxford University Press, 161-173.

Newell, Peter (2000), *Climate for change: Non-state actors and the global politics of the greenhouse*. Cambridge: Cambridge University Press.

Ostrom, Elinor; Dietz, Thomas; Dolšák, Nives; Stern, Paul; Stonich, Susan; Weber, Elke (org.) (2003), *The Drama of the Commons*. Washington, DC: The National Academies Press. doi: 10.17226/10287.

Pasquaré, Federico; Oppizzi, Paolo (2012), “How do the media affect public perception of climate change and geohazards? An Italian case study”, *Global and Planetary Change*, 90-91, 152-157. doi: 10.1016/j.gloplacha.2011.05.010.

Pearce, Warren; Grundmann, Reinard; Hulme, Mike; Raman, Sujatha; Kershaw, Eleanor; Tsouvalis, Judith (2017), “Beyond counting climate consensus”, *Environmental Communication*, 11(6), 723-730. doi: 10.1080/17524032.2017.1333965.

Rodas, Caroline; Di Giulio, Gabriela (2017), “Mídia brasileira e mudanças climáticas: uma análise sobre tendências da cobertura jornalística, abordagens e critérios de noticiabilidade”, *Desenvolvimento e Meio e Ambiente*, 40, 101-124. doi: 10.5380/dma.v40i0.49002.

Schmidt, Andrea; Ivanova, Ana; Schäfer, Mike (2013), “Media attention for climate change around the world: A comparative analysis of newspaper coverage in 27 countries”, *Global Environmental Change*, 23, 1233-1248. doi: 10.1016/j.gloenvcha.2013.07.020.

Spence, Alexa; Pidgeon, Nick (2009), “Psychology, climate change and sustainable behaviour”, *Environment*, 51, 8-18. doi: 10.1080/00139150903337217.

Takahashi, Bruno; Meisner, Mark (2012), “Climate change in Peruvian newspapers: The role of foreign voices in a context of vulnerability”, *Public Understanding of Science*, 22(4), 427-442. doi: 10.1177/0963662511431204.

Wagner, Paul; Payne, Diane (2017), “Trends, frames and discourse networks: analysing the coverage of climate change in Irish newspapers”, *Irish Journal of Sociology*, 25(1), 5-28. doi: 10.7227/IJS.0011.

Young, Nathan; Dugas, Eric (2011), “Representations of climate change national print Media: The banalization of global warming”, *Canadian Review of Sociology*, 48(1), 1-12. doi: 10.1111/j.1755-618X.2011.01247.x.